

“Caçadas de pedrinho” e os caçadores de preconceitos *Pedrinho's Hunting and Hunters of Prejudice*

José Carlos Sebe Bom Meihy¹

¹ Professor do Programa de Pós graduação Interdisciplinar em Letras e Ciências Humanas, da Universidade do Grande Rio UNIGRANRIO/USP

Recebido em 28 de outubro de 2015; Aceito em 10 de novembro de 2015.

Resumo

Este texto faz uma discussão sobre leituras que mostram preconceito na obra de Monteiro Lobato, em particular na obra “Caçadas de Pedrinho”. A abordagem é apoiada em dois aspectos. Primeiramente, a da necessidade de uma teoria geral sobre Lobato e sua obra e, em segundo lugar, a noção de desconstrução. Parte-se de uma proposta aparentemente contraditória, mas que, afinal, se explica pela decomposição de aspectos diluídos na obra em geral para, finalmente, serem reintegradas num todo explicativo.

Palavras-chave : Preconceito. Monteiro Lobato. Literatura. Desconstrução.

Abstract

This paper is a discussion of readings that show prejudice in the work of Monteiro Lobato, in particular in the work “Pedrinho’s Hunting”. The approach was supported on two aspects. First, the need for a general theory of Lobato and his work. Second, the notion of deconstruction. It starts with a seemingly contradictory proposal but that, after all, is explained by the decomposition of aspects merge in the general work to finally be reintegrated in an explanatory whole.

Keywords: Prejudice. Monteiro Lobato. Literature. Deconstruction.

O Visconde não quer que a gente confunda musgo com líquem...
Emília em “A Chave do Tamanho”

O presente texto tem um endereço temático polêmico: a discussão sobre leituras que assinalam preconceito na obra de Monteiro Lobato, em particular nos livros *para crianças*, especificamente no “Caçadas de Pedrinho”¹. Fundamento minha abordagem apoiado em dois aspectos, um já expresso em textos anteriores, onde reclamo da necessidade de uma *teoria geral sobre Lobato e sua obra*, e, outro, em lições do filósofo Jacques Derrida, que qualificou a noção de *desconstrução*. Neste sentido, parto de uma proposta aparentemente contraditória, mas que, afinal, se explica pela decomposição de aspectos diluídos na obra em geral para, finalmente, serem reintegradas num todo explicativo. Tudo, sem perder de vista a questão do preconceito na “Caçadas de Pedrinho”².

Na primeira alternativa, pensando na necessidade de considerar *um texto específico* – no caso a “Caçadas de Pedrinho” *explicado no conjunto da obra* –, tenho criticado a leitura parcelada de uma produção, constantemente vítima de certa tendência, nutrida na cultura nacional, que insiste em notar autores pela tomada de *obras isoladas*, sem reinscrevê-las no conjunto dos autores e do tempo histórico de suas produções. Na mesma senda, quase sempre, ao se adotar por base uma única edição de trabalhos que foram reelaborados, se esquece da trajetória de cada resultado, e assim desdenham-se detalhes explicativos, importantes porque desdobrados³. Se aos leitores comuns é viável a “leitura desarmada”, tal espontaneidade, aos estudiosos é criticável – e mesmo incabível. Entre os vícios mais comuns nesse tipo de procedimento destaca-se a “presentificação” – entendida como processo de transferência de valores do passado para o presente, como atualização destorcida de propostas – e, o conseqüente “isolamento analítico da obra” – roubando das reflexões o enquadramento em espaço e tempo, fatores que comprometem reinscrições em conjuntos abrangentes e progressivos.

Em continuidade, reclama-se também do exagero de pressupostos que, pra o bem ou para o mal, reduzem Lobato a ajustes limitadores, derivados de indicações simplificadoras e conclusivas como: nacionalista, pai da literatura infantil, comunista, editor, elitista, e agora, *preconceituoso*... Sou daqueles que acreditam que tal atitude – ainda que na maioria das vezes seja “heroicizante” – acaba por deprimir o entendimento geral que se explicaria na recomposição histórica de trajetórias, garantindo organicidade aos argumentos. Taxá-lo de preconceituoso, pura e simplesmente, engrossa as correntes de leitores *atemporais* e, o que é ainda pior, pouco instruídos. Outra questão viciosa, também presente na avaliação geral de obras importantes é “descobrir” preconceitos, fato que virou uma espécie de pretexto – ou desculpa – para debater outros problemas que não os eixos da produção de um autor e sua obra⁴. Tal postura tem levado a descontextualização de sentidos que apenas logram razão na integridade dos argumentos concluídos.

O segundo ponto de partida – afeito à aplicação do conceito de *desconstrução* – remete exatamente à possibilidade metodológica de abordagem de uma produção que se fez abundante entre 1914 e 1948, e que, não sem motivos, continua inquietando levas de admiradores e contrários. Assim, pretende-se no espaço desta apresentação escolher alguns ângulos firmados na escrita *continuada* de Lobato – principalmente

1 LOBATO, Monteiro. *Caçadas de Pedrinho*, São Paulo, SP: Global, 2003.

2 Desde 2010, por interferência de organismos oficiais, o livro *As caçadas de Pedrinho*, acusado de preconceito, tem sido criticado em todos os níveis. Opiniões favoráveis e contrárias se digladiam em diversos espaços críticos. Entre os muitos debates que circulam nas redes sociais, veja-se: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/cacada-ao-racismo-2>; <http://www.geledes.org.br/monteiro-lobato-o-racismo-e-os-alunos-em-camara-ligada-politicamente-incorreto/#axzz3XDObzyNs>; e principalmente o artigo assinado por Marisa Lajolo, no site: <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>

3 Há evidentemente honrosas exceções como o projeto organizado por Marisa Lajolo e João Luís Ceccantini, (orgs.) “Monteiro Lobato livro a livro”, Editora UNESP, São Paulo, 2008.

4 Vale lembrar que Lobato se situa entre os cinco autores mais lidos do Brasil, em todos os tempos.

na chamada *obra infantil* –, atravessando diversos produtos que garantem condição explicativa no conjunto final. E não se pretende falar apenas da emissão, e sim, também, ainda que brevemente, dos cenários das recepções, projetadas ao longo dos tempos, em incansáveis retomadas, edições e performances. Nessa linha, a “Caçadas de Pedrinho” será contemplada como ilha no arquipélago que afinal se explica na vista do mar aberto⁵. Dizendo de outra forma, acredita-se que na sutileza da narrativa, no fluir da redação de frases, mais do que palavras coladas umas às outras e entendidas no imediato da citação pulverizada, há intenções maiores que se alongam em significados contíguos e progressivos. *Desconstruir*, pois, nesse caso, é um ato de respeito e de necessidade inteligente.

A fim de aquecer os argumentos, por exemplo, valho-me de duas passagens que se completam; uma derivada da Emília que sozinha significa uma coisa, mas aliada ao diálogo sequente sugere outra completamente diferente. Disse Emília em sua cultivada arrogância, marca da boneca atrevida e provocadora:

“Pois cá comigo só aturo estas histórias (da Tia Anastácia) como estudos da ignorância e burrice do povo. Prazer não sinto nenhum. Não são engraçadas, não têm humorismo. Parecem-me muito grosseiras e até bárbaras - coisa mesmo de negra beijuda, como Tia Nastácia. Não gosto, não gosto, e não gosto ! - Bem se vê que é preta e beijuda ! Não tem a menor filosofia, esta diaba”.

Rebatendo, com ênfase, no diálogo dinâmico e dialético, eis a força contrária, contestada por Pedrinho:

“As negras velhas são sempre muito sabidas. Mamãe conta de uma que era um verdadeiro dicionário de histórias folclóricas, uma de nome Esméria, que foi uma escrava de meu avô. Todas as noites ela sentava-se na varanda e desfiava histórias e mais histórias... Tia Nastácia é o povo. Tudo o que o povo sabe e vai contando de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer Tia Nastácia para tirar o leite de folclore que há nela”⁶

A definição de elementos interditos, muitas vezes expressos em exterioridades aparentes, se torna mais legítima quando, na retomada analítica retraçada por um tema, se enfeixam sentidos que, muitas vezes, escapam à estreiteza da leitura isolada. E, sobremaneira, o texto *para crianças* expressa enganos diluídos em enredos, força de expressão, ditos populares e diversas soluções metafóricas e de gênero narrativo.

Ah! Lembremo-nos que no caso da “Caçadas” trata-se de uma *espécie ou variação do gênero narrativo fábula*, no qual animais e objetos falam e assim provocam uma *moral* derivada de um jogo narrativo entre o bem e o mal⁷. Para a fábula, a moral é o que interessa. Pela pândega, sutileza, suspense, portanto, repontam muitas vezes, do *subsolo da forma*, intenções exatamente opostas ao pretendido. O paradoxo e o desafio são componentes de uma mesma peça que atua por contrastes, dando sentido a trama que, obrigatoriamente, abriga contradições. E como é empobrecedor confundir tudo, tomando defensivamente valores às avessas, dispensando a complexidade das soluções narrativas e a familiaridade dos personagens. Lembremos que no caso dos tipos inscritos no Sítio do Pica-Pau Amarelo, há natural transposição de um livro a outro.

O pior ocorre quando o parcelamento de personagens obedece a uma intenção alheia à história, então, frases, “tiradas”, são destacadas em nome de causas nobres como *direitos humanos*, enquadramento em sugestões ditas “politicamente corretas” e combate às segregações. Fraturadas, de regra, recorta-se a obra, forçando uma leitura curta e descosturada. Contudo, navegando com a bússola da compreensão do

5 Considerando a tomada de aspectos da obra de Monteiro Lobato, apela-se para a sugestão derridiana, insistindo que *desconstruir* não significa destruição, mas sim definição de partes que permitem remontagem, qualificação de feitos da escrita que, analisados em detalhes, permitem apuro interpretativo.

6 Monteiro Lobato *Histórias de tia Nastácia*. Ed. Brasiliense: São Paulo. 1957 p.3.

7 Não se quer confundir a “Caçadas” com o sentido clássico do gênero, mas levando em conta que Lobato produziu muitas fábulas, não seria errado aproximar o enredo dessa obra específica do fabulário.

significado que legitima a *fortuna crítica* lobateana, pode-se abordar “sem preconceitos” o veto vazado – este sim preconceituoso – no Parecer do CNE/CEB n 15/2010, que teve como relatora Nilma Lino Gomes⁸. Buscou-se orientar esta análise pelos seguintes caminhos: ambientação do autor para escrever o texto; o lugar da “Caçadas de Pedrinho” no conjunto da obra lobateana, e, a retomada recente, condenando o livro, bem como os críticos ao veto.

Dois lances curiosos interessam de partida: Lobato era, ele mesmo, caçador, e, em Areias, onde foi atuar como Promotor Público, estava atento à captura de uma onça, como revelou em carta a Purezinha, futura esposa⁹. O gosto da caçada e sua visão sobre animais em estado natural – não os humanizados como o porquinho marquês, Rabicó – é fato curiosamente desprezado nas retomadas da “Caçadas”¹⁰. É interessante como o limite (cabível?) à caça não é notado, e, em troca, fala-se do preconceito racial como se a questão de raça fosse o objeto do enredo. E por falar na abordagem de personagens negros, vale ressaltar que Lobato não era exceção no conjunto de atores que passavam a integrar histórias implicando os negros no tempo. Lajolo elenca exemplos como:

“Histórias do Pai João (Oswaldo Orico, 1933), Histórias da velha Totonha(José Lins do Rego, 1936), Histórias da Lagoa Grande (Lúcio Cardoso, 1939) , O boi aruá (Luís Jardim, 1940) elencam contos desfiados por contadores negros. A originalidade vem um pouco depois pelas mãos de mestre Graciliano , com suas Histórias de Alexandre de 1944¹¹.

Mas, diga-se Lobato carregava uma característica diversa: ser do Vale do Paraíba, local com determinada tradição de tratamento dos escravos, fato que, certamente, pesou na percepção dos ex-escravos¹².

Entremos, contudo, no cerne da questão proposta. Com nítidas oposições entre o bem e o mal, o certo e o errado, o fabulário contido na “Caçadas” implica dois lados que, no caso, identificava a turma do Sítio em oposição aos animais que, em legítima defesa, decidiram atacar o Sítio. De forma harmônica e integrada, Tia Anastácia era parte, importante, dos familiares de Dona Benta. Seria erro drástico vê-la como diferente, animalizada como “macaca”, por ser negra. Muito mais, ela era protagonista do time oposto que precisava se livrar do ataque dos bichos, estes sim, vistos como contrários. Parece ainda desprezível repetir que no *gênero fábula*, o que mais interessa é o sentido e a graça da narrativa que, afinal, devem resultar numa *moral da história* no caso qual seria¹³? O triunfo da vontade coletiva do grupo humano, como um todo.

Para melhor qualificação do debate, a fim de instruir o tema que se vale de Tia Anastácia, pergunta-se de forma provocativa: qual a genealogia de Tia Anastácia? Negra que fora escrava sempre foi apresentada como “amiga” de Dona Benta, pessoa que nunca a deixou de lado, inclusive a fez ir com a família, sem distinção alguma, na viagem a Nova York, como se lê na “Geografia de Dona Benta”. E que dizer do papel de explicadora do mundo que assumia sempre dando lições da tradição folclórica? Desde sua primeira aparição, em 1920, Tia Anastácia foi apresentada – também na “Geografia” – como “excelente negra de estimação”, vinda de Angola, e que um dia fora escrava, mas não era mais. Como rebaixar tudo ao nível do preconceito se ela não fora abandonada ao leu, e, pelo contrário acolhida?

8 Sobre o assunto leia-se <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/826869-alvo-de-veto-por-racismo-obra-de-lobato-pinta-governo-como-rinoceronte-ineficiente.shtml>

9

10 Isso, aliás, alça significado quando se cobra alguma moral externa a um texto filtrado pelo gênero aparentado da fábula.

11 Lajolo Marisa in <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>

12 Lembremos que a Abolição em Taubaté se deu antecipadamente, em 4 de março.

13 No caso, a vitória da turma do Sítio que conseguiu fazer o dono do rinoceronte, Sr. Fritz Muller, desaparecer, deixando no Brasil um animal africano.

Reside no abrigo e parceria dada a Tia Anastácia insinuações de um mundo em transição entre o passado e o presente, onde o negro funcionaria como elo explicativo de um mundo que não mais existia – da escravidão, por exemplo. De maneira pedagógica, aplica-se na relação doméstica que explica a ex escrava no lar de Dona Benta, a noção de cordialidade, vista agora como característica de negros. Não seria factível então falar de um *negro cordial*, inscrito nos pressupostos de um tempo que consagrava o brasileiro – branco – como tal? E convém lembrar que havia também uma versão masculina de Tia Anastácia, Tio Barnabé, conhecido de Tia Anastácia¹⁴.

Também vale, na linha da ambientação dos personagens, assinalar o papel de Pedrinho – que tem, exatamente neste texto, a reafirmação da existência – sempre pouco notada – de sua mãe biológica, moradora do Rio de Janeiro¹⁵. A noção de família não apenas sanguínea, exatamente depois da “Caçadas”, não pode mais passar anônima como atestado de diversidade, combinação, tolerância de convívio, características de um Lobato sempre preocupado em apresentar novidades. A variação de padrões relacionais, prova a subversão da ordem dada e sugere aceitações que comprometem os supostos preconceitos raciais. E tudo ia mudando em Lobato até alcançar um ponto de maturidade da narrativa e explicação de comportamento cultural. Prova disto é a longa gestação do perfil de Pedrinho nas diversas versões do Sítio. De “menino aloirado”, de feições europeias, passou a ser personagem do campo, do Sítio, com roupas emendadas, caipira mesmo, alguém que renunciou o padrão Rio de Janeiro, e se portou de pé no chão, como se nota pelas gravuras das diversas edições¹⁶. E há de se questionar também a permanência efetiva dele no Sítio. Em que medida isto interessa? Logicamente, pelo sentido da transformação, da metamorfose, e, é exatamente aí que atua o segundo item – as mudanças do texto de tempos em tempos e o significado da “Caçadas”.

Lobato jogou com as diversas versões da mesma história, adaptá-la a contextos plurais, segundo o gosto de cada época. Curiosamente, a figura de Tia Anastácia, a simpática companheira e aliada de Dona Benta, se manteve: preta, legada aos cuidados da casa – e, portanto, zeladora de todos –, detentora de segredos de uma cozinha apetitosa e de um tipo de explicação do mundo que permitia aos leitores questionar valores de seus momentos. Sobretudo, porém, sempre, Tia Anastácia é parceira e personagem do bem, com uma rotina que deixa entrever aceitação pacífica, não submissão, e assim ele é parte inerente do conjunto “parental” que nunca a dispensou. Parte integrante e amada, diga-se. Seria justo propor hierarquias e julgamentos naquela situação? Vale insistir na submissão de Tia Anastácia¹⁷? Como, se a boneca era de pano, o Visconde um sabugo de milho e o Marquês um porco?

E mais: dá para esquecer que em dado momento Pedrinho queria ir morar na África para caçar animais de porte? Por que será que os caçadores de preconceito não acentuam este detalhe? Detalhe? E tudo na “Caçadas” foi narrado com graça e suspense, aí, aliás reside outro ponto: como caçador, Lobato soube usar a tensão da surpresa, fator explicativo de fatos pouco notados pelos detratores. Cabe ainda salientar a caracterização de Emília, única personagem a “estigmatizar” Tia Anastácia.

14 A tese da cordialidade dos negros em Lobato foi apresentada pela pesquisadora Raquel de Abreu intitulada “Os homens cordiais na socialização dos Pedrinhos de Lobato e Lourenço filho: o negro sabido, a excelente negra de estimação e o velho caboclo, in <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/01-%20ESTADO%20E%20POLITICAS%20EDUCACIONAIS%20NA%20HISTORIA%20DA%20EDUCACAO%20BRASILEIRA/OS%20HOMENS%20CORDIAIS%20NA%20SOCIALIZACAO%20DOS%20PEDRINHOS%20DE%20LOBATO%20E%20LOURENCO%20FILHO.pdf>. Convém lembrar que no livro “Saci” é Tio Barnabé que explica o mundo para Pedrinho.

15 Pedrinho aparece pela primeira vez em 1921, no “O Saci”, como primo de Narizinho, filho de Dona Tonica que mora no Rio. Neto de Dona Benta, viria nas férias para o Sítio.

16 Aliás, como mostra Jacqueline Rocha, o Pedrinho da narrativa de estreia “era loiro, um europeuzinho” que se vestia como marinheiro, segundo o figurino infantil do tempo, e, pelo contrário na versão de 1933 ele é apresentado como “um caipirinha, vestindo camisa estampada e bermuda remendada”, aparência que foi mantida nas demais edições, até 1939

17 O fato de Tia Anastácia desmaiar ao ver o Rinoceronte, por exemplo, não se deve ao preconceito, ao fato dela não saber como seria o bicho, e sim ao nervosismo motivado pela surpresa do animal nas cercanias da casa.

Há, finalmente, um aspecto que não pode ser deixado de lado: no acréscimo feito na edição de 1933, Lobato acrescentou partes importantes para a consideração do tema preconceito. Ampliada com os episódios do Rinoceronte – o autor aperfeiçoou seu texto e de maneira sutil e evidente fez, progressivamente, algumas ilações sobre o contexto político do mundo adulto, vejamos:

em acréscimo definitivo, e, plena confusão criada pelo autoritarismo do governo Vargas, no ambiente agitado dos conflitos pós 1932, falou de uma “assembleia dos bichos”, aludindo, paulistanamente, à volta da democracia pelo voto;

também teceu críticas severas à burocracia e aos erros do governo ao mencionar, por exemplo, o inútil “Departamento Nacional de Caça ao Rinoceronte”. Assim recriminava investidas inúteis do estado que teria paralisado ações importantes em favor de uma ação que tinha como fundamento não encontrar o bicho;

ao valorizar a ação dos “civis”, dos moradores do Sítio, o estado estaria atestando sua incapacidade de solucionar problemas “nacionais”.

Tomemos como ponto conclusivo o sentido político, democrático, filtrado na “Caçadas” a partir de 1933 e principalmente na retomada – momento pré-guerra mundial – em 1944. Esse foi o tempo do Lobato republicano, por excelência. A assembleia seria o espaço da participação. Talvez, o argumento mais representativo da postura lobateana se explique pela conclusão da história quando Tia Nastácia toma o comando do carrinho puxado por Quindim e conclui: “Tenha paciência (porque) agora chegou minha vez. Negro também é gente, Sinhá...”

Deixemos como lição a validade de retomar Lobato, mas com os valores de nosso tempo, sem os preconceitos que afinal pouco têm a ver com o patrimônio narrativo do escritor que mais mereceu respeito intergeracional, gerando inclusive uma linhagem que dignifica a todos como “Filhos de Lobato”¹⁸.

18 A melhor prova disto é o título dado em uma obra de José Roberto Withaker Penteado: os filhos de Lobato – o imaginário infantil na ideologia do adulto. São Paulo, Editora Globo, 2011 que teve, inclusive, o prefácio de José Murilo de Carvalho e de Muniz Sodré de Araujo Cabral.